

Eixo temático: Eixo Temático 1. O Estudante e/ou a sua Aprendizagem no contexto das TDIC.

CRIANÇAS E DISPOSITIVOS MÓVEIS: EXPERIÊNCIAS DURANTE A VIGÊNCIA DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL¹

CHILDREN AND MOBILE DEVICES: EXPERIENCES DURING EMERGENCY REMOTE TEACHING

Célia Regina de Carvalho (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – celia.carvalho@ufms.br)

Resumo:

Este artigo apresenta parte dos dados coletados mediante um estudo realizado durante um estágio pós-doutoral em educação pela qual buscamos investigar e analisar a apropriação de dispositivos móveis por crianças de seis a onze anos, tendo em vista o desenvolvimento de competências digitais e a instauração de práticas midiáticas e culturais. Neste recorte analisamos o uso de dispositivos móveis por crianças no decorrer da pandemia de covid-19, tanto como forma de lazer, socialização ou nas aulas remotas e/ou híbridas. O estudo desenvolvido caracteriza-se como descritivo-analítico ancorado nos princípios da pesquisa qualitativa, envolvendo dezoito crianças na faixa etária de seis a onze anos e um membro da família delas (pais, mães e avós). Para a coleta de dados adotou-se a entrevista semiestruturada por meio da plataforma digital Google Meet e de chamada de voz e vídeo do WhatsApp. Os resultados indicam que as crianças se apropriaram desses aparelhos para atividades recreativas e escolares, assim como a comunicação com familiares e amigos, sinalizando para a ressignificação desses aparelhos durante as aulas remotas. Esse processo decorreu da implantação do ensino remoto emergencial, pela qual várias escolas adotaram plataformas, aplicativos e outras ferramentas digitais para enviar/transmitir as atividades ou para se comunicar com os estudantes e seus familiares. Por esse motivo, é preciso investir na formação de professores a fim de aproveitar o potencial das tecnologias digitais e dos dispositivos móveis em situações pedagógicas e para o desenvolvimento do protagonismo digital das crianças.

Palavras-chave: Crianças; Dispositivos móveis; Ensino Remoto Emergencial.

Abstract:

This article presents part of the data collected through a study carried out during a post-doctoral internship in education in which we sought to investigate and analyze the appropriation of mobile devices by children aged six to eleven, with a view to developing digital skills and establishing media and cultural practices. In this article, we analyze the use of mobile devices by children during the covid-19 pandemic, whether as a form of leisure, socialization or in remote and/or hybrid classes. The study carried out is characterized as descriptive-analytical, anchored in the principles of qualitative research, involving eighteen children aged between six and eleven and a member of their family (fathers, mothers, and grandparents). Data was collected using semi-structured interviews via the Google Meet digital platform and WhatsApp voice and video calls. The results indicate that the children used these devices for recreational and school activities, as well as communicating with family and friends, signaling the re-signification of these devices during remote classes. This process resulted from the implementation of emergency remote teaching, whereby several schools adopted platforms, apps, and other digital tools to send/transmit activities or to communicate with students and their families. For this reason, it is necessary to invest in teacher training to harness the potential of digital technologies and mobile devices in pedagogical situations and for the development of children's digital protagonism.

Keywords: Children; Mobile devices; Emergency Remote Learning.

¹ Não contou com financiamento.

1. Introdução

A infância é considerada atualmente como uma construção social, pois varia conforme o contexto histórico, social, cultural e mantém relação com todas as transformações que ocorrem em uma sociedade a cada época. Assim, as crianças são definidas como uma categoria particular, com características e limitações próprias (Buckingham, 2006).

As crianças são sujeitos sociais e é preciso levar em conta que se caracterizam como atores e protagonistas da cultura digital e suas produções são potencializadas mediante as tecnologias digitais (Oliveira; Lucena; Schlemmer, 2020, p. 135). Se em um primeiro momento os estudos voltados para a mídia se preocupavam com as influências desses meios na vida infantil, atualmente o olhar se direciona para “tentar entender como interpretam e analisam os produtos midiáticos e aqueles que se relacionam com eles” (Duarte, 2010, p. 6).

Neste sentido, as culturas da infância devem ser vistas levando-se em conta as estruturas sociais pelas quais as crianças se inserem e de como se articulam com as culturas adultas (BORBA, 2008). “É fundamental compreender apropriações e reinvenção das interpretações com as experiências socioculturais adultas” (Oliveira; Lucena; Schlemmer, 2020, p. 138). Além disso, ao interagirem com vários elementos do mundo, as crianças “criam formas singulares de compreensão e de ação sobre a realidade” (Borba, 2008, p. 79).

Com base na revisão da literatura de autores que versam sobre a Sociologia da Infância e do papel que as tecnologias desempenham na vida das crianças, o presente artigo apresenta recorte dos resultados alcançados em uma pesquisa desenvolvida durante um estágio pós-doutoral em educação com o objetivo geral investigar e analisar a apropriação de dispositivos móveis por crianças de seis a onze anos, tendo em vista o desenvolvimento de habilidades digitais e a instauração de práticas midiáticas e culturais na infância. Analisamos, neste texto, o uso das desses aparelhos pelas crianças no decorrer da pandemia de covid-19, tanto como forma de lazer, socialização ou nas aulas remotas e/ou híbridas.

Organizamos este artigo da seguinte forma: uma breve caracterização da relação entre as crianças e os dispositivos móveis; a metodologia do estudo; a análise dos dados coletados, as considerações finais e as referências utilizadas.

2. Crianças e dispositivos móveis

Os dispositivos móveis favorecem não somente o acesso às informações, mas também possibilitam que os indivíduos tenham condições de produzi-las, das mais variadas formas, tais como hipertexto, áudio, vídeo, imagens (Carvalho, 2017). E as crianças, por sua vez, encontram-se imersas na cibercultura que tem penetrado em todos os setores da sociedade. São indivíduos que vivem e convivem com a cibercultura, nascem imersos nela e, por isso, as achamos tão diferentes de nós, que somos de outra geração (Freire, 2016).

Cada vez mais as crianças reivindicam seu espaço em ambientes digitais e interativos e com o “[...] acesso facilitado aos dispositivos móveis, meninos e meninas deslizam os dedos em seus tablets e *smartphones*, baixam jogos, conversam com familiares, tiram fotos, assistem desenhos e até mesmo gravam vídeos para seus pares no intuito de protagonizar esses espaços” (Oliveira; Lucena; Schlemmer, 2020, p. 141).

Pesquisas como a TIC Kids *online* (CETIC.BR, 2021;2022) demonstram que os *smartphones* são cada vez mais utilizados pelas crianças, inclusive as de classes menos favorecidas (CETIC, 2022). Assim, “a tela torna-se o artefato do contato, das conexões, das narrativas. É o artefato que nos

acompanha sem nos fazer perder o apetite” (Silva; Pereira, 2021, p. 29) e a infância do século XXI tem se constituído em contato com os conteúdos que são ofertados o tempo todo na internet.

Os dispositivos móveis contribuem para aproximar as crianças de outros sujeitos e contextos, uma vez que os diversos tipos de aplicativos infantis podem servir ao entretenimento infantil como também para a aprendizagem de conhecimentos ligados à escola (fotos, vídeos, jogos, redes sociais infantis, plataformas etc.).

Podem contribuir para a expressão e comunicação das crianças nas múltiplas linguagens, propiciando intercâmbios culturais e intergeracionais de modo a fortalecer elos e estimular olhares mais compreensivos no âmbito local e global (Fantin; Santos, 2020, p. 119).

As crianças são sujeitos que produzem cultura e são produzidas na cultura em que se inserem (em seu espaço) e que lhes é contemporânea (de seu tempo)” (Kramer, 2007, p. 17) e as ações que desenvolvem quando usam aplicativos conectados à internet são consideradas por Fantin (2008) como produções culturais, na medida em que interagem com as coisas que fazem parte do seu mundo.

Ao afirmarmos que as crianças produzem culturas que lhes são próprias consideramos que são capazes de atribuir significado ao mundo que as cerca. Juntamente com os adultos que convivem, se tornam participantes ativos “na construção social da infância e na reprodução interpretativa de suas culturas” (Delgado; Müller, 2005, p. 163).

Vale destacar que o propósito deste artigo é depreender da literatura da área os elementos que apontam para os aspectos positivos e potencializadores dos dispositivos móveis para a formação da infância contemporânea, mesmo tendo consciência dos efeitos deletérios que os usos inadequados ou exagerados podem acarretar a saúde física e mental de crianças e adolescentes.

3. Metodologia do estudo

O estudo de caráter descritivo-analítico pautou-se na pesquisa qualitativa. A pesquisa empírica envolveu 18 crianças na faixa etária de seis a onze anos e um membro de sua família (pai, mãe ou avó) que responderam a uma entrevista semiestruturada.

Durante as entrevistas buscamos garantir a proteção da criança e respeitar as suas linguagens e pontos de vistas. Seus pais e/ou responsáveis mantiveram-se ao lado delas e as auxiliavam em algumas situações pelas quais não entediam as perguntas ou quando ficavam receosas. Entrevistamos 8 meninas² e 10 meninos. Dentre os responsáveis, entrevistamos 16 mulheres (mães e uma avó) e 2 homens (pais) com idade variando entre 28 a 45 anos, provenientes dos Estados de São Paulo, Paraná, Goiás e Mato Grosso do Sul. No que se refere à classe social autodeclaradas pelos participantes, observou-se que seis pertenciam à classe B, seis à C, dois à classe D e dois à E.

O estudo foi submetido ao Comitê de Ética na Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual Paulista, campus de Presidente Prudente – SP, respeitando a Resolução nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde e aprovado no dia 15 de abril de 2021 sob o número do parecer consubstanciado nº 4.651.534, CAAE: 45114221.5.0000.5402.

² As crianças foram identificadas como Menino/Menina 1, 2 etc. seguido da idade. E as mães foram enumeradas de 1 a 18.

4. Resultados e Discussões

Os resultados analisados neste artigo foram alcançados mediante as entrevistas tanto com as crianças quanto com os responsáveis investigados.

Com a adoção das medidas e distanciamento social e a implantação do ensino remoto emergencial as crianças passaram muito mais dentro de suas residências que se tornaram o local de trabalho de muitos pais, “de ensino-aprendizagem dos mais novos e o espaço de lazer de todos” (Santos; Rocha; Costa, 2020, p. 7). Os respondentes nos relataram que os aparelhos eletrônicos mais utilizados foram os dispositivos móveis conectados à internet por meio da rede WI-FI e a TV, sobretudo canais de streaming.

Os *smartphones* foram apontados pelas crianças como aparelhos preferidos para brincar. Isto vai ao encontro das ideias de Oliveira, Lucena e Schlemmer (2020, p. 134) ao afirmarem que as “atuações das crianças realçam como não é possível mais segregá-las desse mundo interativo”. Consideramos o desenvolvimento de atividades como jogos, redes sociais, músicas, vídeos, filmes por meio dos dispositivos móveis como atividades de entretenimentos. Além disso, o uso dessas tecnologias para as atividades escolares também esteve presente nos resultados do estudo.

As práticas de educação remota são definidas por Alves (2020, p. 358) “[...] se caracterizam por atividades mediadas por plataformas digitais assíncronas e síncronas, com encontros frequentes durante a semana”. Se antes havia um distanciamento sobre a utilização dos dispositivos móveis na escola, com a implantação do ensino remoto emergencial se inseriam como formas importantes de “acessar a escola” e de realizar as atividades enviadas pelos professores. Com base nos resultados, observamos que os aplicativos de mensagem instantânea, vídeos, videochamadas foram empregados para facilitar a comunicação e a aprendizagem.

As crianças entrevistadas eram provenientes de vários estados brasileiros algumas estudavam em escola pública e outras em particulares e nos informaram que as aulas foram transmitidas pela TV (estado do Paraná) e por plataformas como o Google Meet e Zoom ou das próprias escolas. Para os envios, contaram com o WhatsApp e e-mail, aulas gravadas ou atividades impressas preparadas pelos docentes.

No início da pandemia, a maior parte das escolas disponibilizou aulas gravadas e postadas no YouTube (aulas assíncronas), além daquelas que transmitiam suas aulas por videoconferência (aulas síncronas). Esses vídeos eram elaborados pelos próprios professores ou por meio de curadoria na internet.

Por outro lado, as escolas particulares adotaram uma versão do ensino híbrido pela qual uma parte dos estudantes foram para as aulas de forma presencial e outra permanecia em casa e acessava o conteúdo em tempo real por meio de plataformas de videoconferência. Porém, nem todas as escolas adotaram as tecnologias digitais para subsidiar as suas aulas. Neste caso, os pais retiravam as atividades impressas nas escolas para seus filhos fazerem em casa e depois devolverem para os professores corrigirem. Esta situação ocorreu com quatro crianças entrevistadas, principalmente, aqueles que estudavam em escolas públicas da rede municipal.

Mesmo com as atividades impressas, os professores enviaram orientações aos estudantes via WhatsApp “passa um vídeo pelo celular da minha mãe, porque eu já tenho minha prova” (Menina 1, seis anos, 2021); “Eu recebi um tanto assim de folhas atividades e com textos explicando o que era para fazer e era uma folha assim de tarefas e textos explicando sobre o conteúdo” (Menino 9, dez anos, 2021).



Os relatos evidenciam várias situações, como por exemplo, aqueles que já haviam realizado um período de aulas remotas e no momento das entrevistas estavam frequentando as escolas presencialmente.

Os aparelhos mais utilizados durante as aulas remotas foram o computador (*notebook/laptop*) e os *smartphones*: “Quando meu pai estava usando o computador, a gente tinha que usar o celular, mas não era bom, ficava muito bugado, o celular ficava travando muito” (Menino 6, oito anos, 2021); “Atualmente eu estou indo no presencial, mas antes eu estava usando o computador” (Menino 10, onze anos, 2021); “Eu não tinha este aplicativo que a gente está falando agora. Ela só, ela só mandar o link para a gente (Menino de 5, oito anos, 2021);

Quanto ao impacto causado pela mudança brusca na educação em decorrência da pandemia de covid-19 o menino de 8 anos 1 afirmou que não gostou de estudar em casa, pois não tinha contato com amigos da sala para brincar durante o recreio. Assim, durante o período de aulas remotas participou de um grupo pela qual pode se comunicar com os colegas da turma. “Na verdade, eu odiei [...] não é tipo assim eu gostava até de ficar um pouco, mas assim não tinha ninguém, amigo para conversar para brincar na hora do recreio (Menino de 5, oito anos, 2021).

O relato da menina de 5 (onze anos, 2021) retrata a mudança de uso e percepção dos *smartphones* para atividades escolares. Antes da pandemia esse aparelho era proibido dentro da sala de aula, sendo permitido apenas no horário do intervalo. “Eu aprendi aqui para poder usar na pandemia [...] usava só quando a professora levava a gente na sala de tecnologia, podia usar o celular só no recreio”. Quando questionada se preferia continuar usando o celular após o retorno às aulas presenciais, a entrevistada respondeu “Eu queria que deixasse com o celular, porque a gente já sabe mexer em tudo”. Com isso, percebemos um redimensionamento do papel desse aparelho que antes era visto apenas como meio de entretenimento e passou a ser adotado para atividades de aprendizagem.

Com base nas respostas é possível inferir que os dispositivos móveis, sobretudo os notebooks e *smartphones*, se constituíram como aparelhos imprescindíveis para muitas crianças, e foram usados tanto para atividades recreativas e de comunicação quanto para estudar ou acessar conteúdos enviados pelos professores: “Às vezes, eu uso para brincar e, às vezes, eu uso para escola (se referindo ao celular) [...]” (menina 5, onze anos, 2021)

Antes da pandemia havia em vários estados brasileiros, regulamentos e resoluções que impediam o uso do celular em sala de aula. Porém, em 2021 observou-se a sua importância, na medida em que para muitas famílias, se tornou como a principal forma de entrar em contato com os professores e ter acesso às atividades enviadas por eles. Concordamos com Fantin e Santos (2020) quando afirmam que os dispositivos móveis, além de propiciarem o entretenimento infantil também contribuem para favorecer o acesso ao conhecimento, aproximando-as de outros sujeitos e contextos e durante a pandemia isto foi fundamental.

As práticas de educação remota ocorreram em escolas particulares e públicas e proporcionaram novas formas de pensar o processo de ensino e aprendizagem. Um aspecto relevante observado no estudo consistiu na resistência de parte das crianças às aulas remotas. Alguns argumentos se referem à dificuldade de aprender sem a orientação dos docentes: “Presencial porque eu acho melhor, é muito chato na tela. Pela presencial a pessoa não precisa ficar num computador” (Menina 6, oito anos, 2021); “Eu gostava mais da escola [...] é porque eu não preciso ficar mais em casa, porque é chato ficar em casa” (Menino 1, seis anos, 2021); “No presencial, é que as dúvidas que você tiver e você já entende ali, [...] sinto falta dos professores, dos amigos, de tudo” (Menina 5, onze anos, 2021).

Com isso, percebemos que sem a presença da escola e do professor para impulsionar a aprendizagem esse papel foi transferido para a família. “Contudo, é necessário haver a consciencialização de que nem todas as famílias possuem o tempo, capacidade e instrução para assumirem o papel de educador” (Santos; Rocha, Costa, 2020, p. 7).

A qualidade dos equipamentos e da conexão com a internet foi ressaltado por algumas crianças que encontraram dificuldades nas aulas transmitidas *online*: “Eu não sabia como usar o Google Drive, o Google Sala de Aula (Google Classroom), eu não sabia marcar como concluída. Eu nem sabia que existia” (Menino 9, dez anos 2021); “Eu achei meio chato porque eu não conseguia prestar atenção nas coisas porque eu travava, às vezes, eu tinha que entrar de novo, às vezes microfone dava interferência (Menina 2, sete anos, 2021).

A escola aparece na narrativa das crianças não apenas como local para aprender, mas como espaço de socialização e convívio com os colegas: “Eu prefiro na escola porque é mais legal” (Menina 1, seis anos, 2021); “Brincar com os seus amigos na hora do lanche” (Menino 9, dez anos 2021); “É que a gente não está lá na escola para ver os conteúdos [...] porque é melhor para ver minha professora melhor, os amigos” (Menino 4, sete anos 2021); “Presencial [...] acho que a *online* não tem educação física” (Menino 3, sete anos 2021); “Eu achei bom, mas eu senti falta dos meus amigos” (Menina 6, nove anos, 2021).

Apenas o menino 10, de 11 anos (2021) revelou que preferia continuar nas aulas *online*, mas no momento da entrevista já havia retornado às aulas presenciais: “eu prefiro o *online*, mas porque é tranquilo [...] eu não preciso me preocupar com muita coisa [...] no ano passado era gravada, atualmente é tudo *online*”.

Com isso, podemos dizer que em um país como o Brasil com imensa desigualdade social e econômica a escola se apresenta um espaço imprescindível para a socialização e instrução das pessoas, sobretudo para as famílias das classes menos favorecidas.

Nas famílias pertencentes às classes mais favorecidas os estudantes tiveram acesso a equipamentos e conexão de melhor qualidade e com isso, assistiam as aulas transmitidas nas plataformas como o Google Meet ou videoaulas no Youtube. Nesses casos, os responsáveis apresentavam melhores condições de promover um acompanhamento mais sistemático e contínuo das atividades remotas que os filhos realizavam.

Buscamos analisar também os pontos de vistas dos responsáveis pelas crianças e elencamos os principais desafios enfrentados com a suspensão das aulas e implantação do ensino remoto emergencial. De modo geral, os relatos expressam o receio e preocupação que a crise sanitária e as aulas remotas provocaram nas famílias:

O ano passado foi bem estressante, no início aquele acúmulo de atividades que se você não fizesse de acordo acabava acumulando (Mãe 12, 2021);

Foi bem difícil porque eles não entendiam que era todo mundo, para ela a escola estava lá e ela estava aqui em casa (Mãe 1, 2021);

Ele ficou triste, mas rapidinho ele entendeu bem. E quando ele tinha visto a professora pelos vídeos, os amigos, foi se animando e se adequando aquela nova realidade (Mãe 6, 2021);

Começou bem difícil, eu acho que todas as etapas. Agora está sendo difícil tanto no início do processo quando ela veio para casa que primeiro a gente achou que era só uns dias, que a gente não sabia que ia ficar tanto tempo assim (Mãe 5, 2021);

“No início foi difícil, não queria fazer. Eu conversei com a professora e falei que ele não estava levando a sério [...] tinha hora que ele não entendia e tirava a foto dele, desligava a câmera, chorava porque não estava entendendo e ficava nervoso (Mãe 8, 2021);

“Muitos acordos para ele fazer [...] era um costume fazer as aulas com ele porque só queria brincar. Trazia os brinquedos para a frente do computador [...] sem contar que nas aulas gravadas a gente não sabia qual material usar (Mãe 2, 2021);

Os aspectos mais significativos das respostas se referem às dificuldades enfrentadas pelo fato de as crianças ficarem em casa; os momentos de ansiedade, agitação e os medos diante da nova situação; da falta que os filhos sentiam dos colegas de turma; a resistência das crianças em estudarem em casa e de forma *online* ou mesmo realizar as atividades impressas; às dificuldades das mães em conciliar as suas próprias atividades com a assistência para os filhos, principalmente aquelas que estavam e teletrabalho.

Recebemos relatos de mães em que os filhos se adaptaram com mais facilidade das aulas remotas, como é o caso da mãe 12 (2021) “Eu não posso reclamar não, as crianças estudam num colégio particular né? Então assim eu penso que foi uma adaptação para todo mundo. É eles, a escola deu um suporte legal, as crianças não ficaram sem assessoria” e da mãe 11 (2021): “Ela gostou, que ela falou que legal ainda assim a gente fazia liçãozinha e pronto até a gente sente falta assim é a minha também está nessa, adoro ficar em casa, não quer voltar de jeito nenhum” (Mãe da menina de 9 anos 1). Ressaltamos, porém, que no momento das entrevistas as crianças já haviam retornado à escola.

5. Considerações Finais

Ao analisarmos o uso dos dispositivos móveis pelas crianças durante a vigência do ensino remoto emergencial, observamos que os resultados do nosso estudo dialogam com outras pesquisas que apontam para o potencial dos *smartphones* em atividades recreativas e escolares no período pandêmico. Esses aparelhos, mediante as várias linguagens e recursos multimidiáticos, têm contribuído para a constituição das culturas infantis na atualidade.

No caso da educação, dispositivos móveis como os *smartphones*, que sempre foram deixados de lado nas atividades docentes, representaram um dos principais meios de acessar a escola. Por meio de sua utilização, muitos docentes conseguiram ministrar suas aulas, enviar/receber atividades e *links*, além de adotarem várias plataformas e aplicativos para a comunicação e interação com seus estudantes que experienciaram situações pedagógicas em aparelhos tradicionalmente vistos como meios de diversão e passatempo.

Em meio a esse cenário, observamos a instauração de práticas amparadas nos princípios da aprendizagem móvel (*m-learning*) pela qual os dispositivos móveis (de forma isolada ou juntamente com outras tecnologias) contribuíram para favorecer a aprendizagem em qualquer lugar e horário e diminuir a distância entre professores e estudantes, conforme verificado nos resultados da pesquisa empreendida por nós. Além disso, os estudantes adquiriram maior controle e autonomia quanto ao seu processo de aprendizagem e na realização das atividades escolares.

Com base nesses resultados, defendemos o investimento na formação inicial e continuada de professores, a fim de que adquiram habilidades e competências digitais que os capacitem a aproveitarem o potencial dessas tecnologias em situações pedagógicas e para o desenvolvimento do protagonismo digital das crianças.

Referências

ALVES, Lynn. Educação remota: entre a ilusão e a realidade. **Interfaces Científicas-Educação**, v. 8, n. 3, p. 348-365, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9251> Acesso em: 05 de jan. 2021.

BORBA, Angela Meyer. As culturas da infância no contexto da educação infantil. **Reflexões sobre infância e cultura**. Niterói, RJ: Eduff, p. 73-91, 2008.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na Era das Mídias**: após a morte da infância. Tradução de Gilka Girardello e Isabel Orofino. Florianópolis, p. 2012-1, 2006.

CETIC.BR. **Crianças e adolescentes conectados ajudam os pais a usar a Internet, revela TIC Kids Online Brasil**. Disponível em: <https://cetic.br/pt/noticia/criancas-e-adolescentes-conectados-ajudam-os-pais-a-usar-a-internet-revela-tic-kids-online-brasil/> Acesso em: 24 de jun. 2020.

CETIC.BR. **Resumo Executivo TIC Kids Online Brasil 2021**. 2022. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20221121120628/resumo_executivo_tic_kids_online_2021.pdf Acesso em: 10 de jan. 2023.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MÜLLER, Fernanda. Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 125, p. 161-179, maio-ago. 2005.

DUARTE, Rosalia. A TV pelo olhar de quem vê. **Salto pelo futuro**. Ano XX Boletim 13, Setembro, 2010. Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/saltoparaofuturo/episodio/a-tv-pelo-olhar-de-quem-ve> Acesso em: 10 de dez. 2020.

FANTIN, Monica. Do mito de Sísifo ao voo de Pégaso: as crianças, a formação de professores e a escola estação cultura. In: FANTIN M.; GIRARDELLO, G. (org.). **Liga, roda, clica**: estudos em mídia, cultura e infância. Campinas: Papyrus, 2008. p.145-171.

FANTIN, Monica; SANTOS; José Douglas Alves dos. Sobre dispositivos móveis e possibilidades formativas na infância contemporânea In: Porto, Cristiane; SANTOS, Edmea. **Processos formativos e aprendizagens na cibercultura**: experiências com dispositivos móveis. Aracaju- Sergipe: EDUNIT, 2020.

FREIRE, Joana Loureiro *et al.* **Produzir comunicação na cibercultura**: coisa de criança!. 2016. Disponível em: <https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/10449> Acesso em: 2 de out. 2021.

KRAMER, Sônia. A infância e sua singularidade. In: **Ensino fundamental de nove anos**. Orientações para inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: MEC, 2007.

OLIVEIRA, Bruna Santana de; LUCENA, Simone; SCHLEMMER, Eliane. A imersão das crianças nas redes: os protagonismos das infâncias nas culturas digitais In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edmea. **Processos formativos e aprendizagens na cibercultura**: experiências com dispositivos móveis. Aracaju- Sergipe: EDUNIT, 2020.



SANTOS, André; COSTA, Jéssica; ROCHA, Bruna. O paradigma da ESCOLA no espaço da CASA. **Ensino magazine**, 2020. Disponível em: <https://arquivo.ensino.eu/media/25164940/ensino%20magazine%20digital%2020200531.pdf>
Acesso em: 10 de set. 2021.

SILVA, Perseu; PEREIRA, Rita Marisa Ribes. Por uma ética nas produções audiovisuais na cibercultura: a infância em vídeos virais. **Cadernos CEDES**, v. 41, p. 23-32, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/cwr97yxWMmprsRRqvLXNB5s/?lang=pt#> Acesso em: 14 jul. 2021.